

CAUSATIVIZAÇÃO EM LÍNGUAS DO TRONCO MACRO-JÊ: PRIMEIRAS APROXIMAÇÕES

Andérbio Martins, LALI, Universidade de Brasília
 Lidiane Camargos, LALI, Universidade de Brasília
 Lucivaldo Costa, LALI, Universidade de Brasília
 Maxwell Miranda, LALI, Universidade de Brasília

Introdução

O tronco linguístico Macro-Jê é um dos maiores agrupamentos genéticos de línguas da América do Sul e tem a característica de, apesar de sua considerável amplitude geográfica, situar-se exclusivamente no Brasil. Compõem este tronco doze famílias linguísticas – Boróro, Guató, Jê, Kamakã, Karajá, Karirí, Krenák, Maxakalí, Ofayé, Purí, Rikbáktsa, Yatê, segundo a hipótese genética de Rodrigues (1999). Todas as línguas de três dessas famílias – Kamakã, Karirí e Purí – já morreram, mas de algumas delas temos documentos registrados nos séculos passados. Com exceção da família Jê, de todas as demais sobrevive apenas uma língua. A família Jê, ao contrário, está bem representada com mais de uma dezena de línguas, distribuídas pelas regiões sul, centro-oeste, nordeste e norte do Brasil (cf. RODRIGUES 1986). Nesta comunicação apresentaremos uma análise comparativa de construções causativas nas línguas Boróro (família Boróro), Krahô, Apinajé e Xikrín (família Jê, ramo setentrional) e Rikbáktsa (família Rikbáktsa), as quais pertencem ao Tronco Macro-Jê. Apresentaremos as construções causativas nessas línguas e procuraremos identificar características semelhantes entre elas no que diz respeito à construção das formas causativas. Os dados analisados provêm das seguintes fontes: Krahô (POPJES e POPJES 1986), Miranda (notas de campo 2008, 2009), Apinajé (KOOPMAN 1976, OLIVEIRA 2005); Xikrín (COSTA, notas de campo (2003)); Boróro (ALBISETTI e VENTURELLI 1969, CROWELL 1979, CAMARGOS, notas de campo (2008, 2009)), e Rikbáktsa (BOSWOOD 1973, 1974).

O estudo está organizado da seguinte forma: na seção 2 apresentamos uma caracterização geral sobre causativização no âmbito dos estudos tipológicos e funcionais com base em Comrie (1989) e, em seguida, uma caracterização sobre o tema especificamente no tronco Macro-Jê, seção 3. Na sequência, descrevemos os aspectos gramaticais das construções causativas nas línguas Krahô (seção 4), Xikrín (seção 5) e em Apinajé (seção 6) (família Jê Setentrional), dentre os quais a co-ocorrência em uma mesma língua de causativo lexical fonologicamente relacionado a um causativo morfológico. Na seção 7, trataremos de processos de causativização em Bóroro, seguindo Rodrigues e Camargos (ms). Na seção 8, apresentamos uma análise alternativa à proposta por Boswood (1979) para a língua Rikbáktsa (família Rikbáktsa), segundo a qual essa língua possui dois morfemas causativos. Levantamos a hipótese de que, ao invés de dois morfemas causativos de mesma natureza, o Rikbáktsa teria dois morfemas causativos distintos, um causativo simples e um causativo indicando a ideia de companhia (causativo comitativo). Na seção subsequente, apresentamos um quadro comparativo com as diferentes estratégias de causativização identificadas nas línguas focalizadas no presente estudo. Em seguida, seção 10, finalizamos com algumas considerações acerca das semelhanças tanto na forma quanto no significado dos morfemas causativos através das línguas Macro-Jê, semelhanças essas que sugerem uma origem comum para essas formas.

2. Causativização: aspectos formais e funcionais

A causativização é definida no âmbito dos estudos tipológicos e funcionais como uma macro-situação que envolve duas micro-situações, a causa e seu efeito correspondente (COMRIE, 1989, p. 165). Contudo, as línguas de um modo geral tendem a usar diferentes estratégias para expressar situações que envolvem o causador e o resultado da ação que é descrita pelo evento verbal. Dentro desta abordagem, partindo de parâmetros formais e semânticos, Comrie (1989) distingue três modos de causativização a partir de um continuum que classifica causativos analíticos seguidos de causativos morfológicos e de causativos lexicais.

Do ponto de vista estrutural, as construções causativas envolvem predicados de natureza distinta, isto é, tanto predicados verbais quanto nominais, tendo em vista a derivação de um novo verbo a partir de um nome ou de outro verbo (transitivo ou intransitivo), cuja valência original é alterada, mas que também pode corresponder a uma estrutura oracional que se subordina a uma oração matriz para expressar o resultado da

causa. Essa estrutura oracional apresentaria uma estrutura sintática distinta de outras estruturas subordinadas na língua.

A seguir, com base em Rodrigues (1999), apresentaremos as características e as estratégias das construções causativas compartilhadas por algumas famílias do tronco Macro-Jê, fundamentando com dados das línguas Krahô, Xikrin e Apinajé (fam. Jê Setentrional), Bóroro (fam. Bóroro) e Rikbáktsa (fam. Rikbáktsa).

3. Causativização no tronco Macro-Jê

Segundo Rodrigues (1999:195) algumas línguas do tronco Macro-Jê têm tanto dispositivos morfológicos quanto sintáticos para a formação de verbos causativos, envolvendo verbos tais como ‘fazer’ ou ‘causar’. De acordo com o autor, causativos morfológicos consistem essencialmente em derivar raízes transitivas a partir de raízes intransitivas, ressaltando que, entre as línguas que têm dispositivos morfológicos, algumas podem causativizar apenas verbos intransitivos, ao passo que outras podem derivar raízes verbais transitivas a partir de nomes descritivos.

Conforme veremos abaixo, nas línguas focalizadas neste estudo a causativização envolvendo a derivação de verbos a partir de temas verbais intransitivos e nominais descritivos é bastante produtiva, embora não tenha sido explorada suficientemente nos trabalhos descritivos disponíveis.

4. Causativização em Krahô

Popjes e Popjes (1986) descrevem as construções causativas em Canela-Krahô como aquelas nas quais “qualquer verbo pode ser feito causativo pelo uso do verbo transitivo *to/ton*”. O verbo para ser causativizado deve ocorrer em uma oração subordinada, marcada pela posposição *na* e deve preceder imediatamente o verbo causativo’ (p. 142). O objeto direto do verbo causativo, por sua vez, concorda com o sujeito do verbo da oração subordinada (1a). Sendo o objeto direto do verbo causativo a terceira pessoa, seu marcador é zero { \emptyset -} (1b) e, quando o verbo na oração subordinada é transitivo, seu sujeito é omitido (1c).

1. (a) *Capi te i-jõt na i-to*
Capi PAST 1-sleep SUB 1-make
‘Capi make me sleep’ (Popjes e Popjes, 1986, p. 143)

- (b) *i-te i-prõ jàpên na \emptyset -ton*
1-PAST 1-wife work SUB 3-do
‘I make my wife work’ (Popjes e Popjes 1986, p. 143)

- (c) *Pahhi amji kîn na mẽ pa-to*
chief REFLX like SUB PL 1INCL-make
‘the chief makes us have a festival/enjoy ourselves’ (Popjes e Popjes 1986, p. 143)

Entretanto, em outros contextos, as construções causativas podem ocorrer sem que estas sejam subordinadas ao verbo causativo e seguidas pela posposição subordinativa *na*, além de o objeto direto do verbo causativo, que é co-referente com o sujeito da oração subordinada, não vir prefixado. Os dados abaixo mostram que além de causativizar verbos intransitivos e transitivos, há a possibilidade também de que nomes descritivos sejam causativizados, conforme podemos observar no dado abaixo 2(a):

- 2 (a) *amkrɔ te krow-ho tɔ inkrɔ*
sol ERG buriti-palha CAUS seco
‘o sol secou a palha’ (lit.: ‘o sol fez a palha secar’ (Miranda, notas de campo)

Uma das evidências da qual lançamos mão para considerar este um tipo de oração causativizada é a ocorrência do argumento externo do verbo vir seguido pela posposição *-tɛ*, traço característico de orações transitivas.

5. Causativização em Xíkrin

A causativização em Xíkrin ocorre com verbos transitivos, intransitivos e nomes descritivos. Os processos de causativização ocorrem por meio de construções sintéticas (causativo morfológico), nas quais *ɔ-* se prefixa a temas nominais e verbais, conforme podemos observar nos dados de Costa (comunicação pessoal).

Primeiramente, observemos o contraste entre 3 (a) com o verbo intransitivo *nõ* ‘deitar’ e em seguida sua forma causativizada em (b).

- 3 (a) *mēni nē mēprirɛ ɔ- nõ jum ɣõrõ*
mulher n.fut criança CAUS deitar e dormir
‘a mulher fez a criança deitar e (a criança) dormiu’ (Costa, dados de campo)

Semelhante aos verbos intransitivos, o morfema causativizador *ɔ-* também ocorre com verbos transitivos 4 (a) e nomes descritivos (b).

4. (a) *ba nē ba a ɔ- mɔ pidʒo ɔ- boj*
1±3 Enf Nfut 1±3 2±3 R1- para fruta CAUS chegar
‘eu trouxe fruta para você’ (eu fiz a fruta chegar a você) (Costa, 2003:40)

- (b) *ba nē ba a- j-ɔ-mɛj*
1±3 enf n.fut 1±3 enf 2±3 R¹- CAUS.ser. bom
‘eu faço você feliz’ (Costa, dados de campo)

6. Causativização em Apinajé

Koopman (1976) analisando as cláusulas semânticas em Apinajé descreveu as construções causativas, em termos de papéis semânticos, aquelas cuja ‘**origem** é participante inanimado que constitui a causa não-instigativa da ação especificada pelo verbo. É realizada na estrutura superficial como sujeito do verbo superficial’ (KOOPMAN, 1976, p.2)

5. (a) *kuvy nã rop o xêt*
fogo (origem) tempo cachorro (paciente) causativizador queimar
‘O fogo queimou o cachorro. / O cachorro foi queimado pelo fogo’ (Koopman, 1976: 9)

- (b) *kôk nã pĩ ’ô o anhrà*
vento (origem) tempo folhas (paciente) causativizador espalhar
‘o vento espalhou as folhas / as folhas foram espalhadas pelo vento’ (ibidem)

- (c) *kuvy nã mēõ o kagro*
fogo tempo comida causativizador quente
‘o fogo esquentou a comida’ (Koopman, 1976: 2)

Oliveira (2005), por sua vez, afirma que em Apinajé há duas estratégias de causativização, “a construção perifrástica e a construção morfológica, ambas envolvendo o morfema *ɔ* traduzível em ambos os casos como ‘fazer’.” (p. 261). A construção causativa perifrástica, de acordo com a autora, codifica uma causa indireta, pois “neste contexto a construção *ɔ anē* expressa a causa, e a oração subsequente codifica o

resultado” (OLIVEIRA, 2005, p. 261)¹. A oração que codifica a situação resultante não é expressa por meio de um complemento encaixado, mas por uma oração com sujeito diferente, em uma relação paratática com a oração que expressa a causa.

6. (a) *na ka ri ic-t-ɔ anẽ pa rɔp kura*
 RLS 2 DEM 1-RP-do thus 1 dog hit
 ‘You caused me to hit the dog’ (Lit.: “You did me thus, I hit the dog”)
 [i.e. I was going to hit you with a stick, you stood behind the dog and I hit the dog instead of hitting you] (Oliveira, 2005: 262)
- (b) *(na) ka ri ic-t-ɔ anẽ pa mrõ nẽ amni gɔ pa*
 RLS 2 DEM 1-RP-do thus 1 Sink SS RFLX wet CNCL
 ‘You caused me to fall into the water and get all wet’ (Lit.: “You did me thus, I sank and wet myself completely”) [i.e. you pushed me into the creek].
 (Oliveira, 2005: 263)

O causativo morfológico, de acordo com Oliveira (2005), é expresso por meio do morfema proclítico *ɔ* que se prende às raízes verbais intransitivas e descritivas². Para a autora, ainda que o padrão de acento indique que *ɔ* não seja um prefixo no verbo lexical, o complexo *OV* pode ser considerado um composto em virtude de não haver nenhum elemento interveniente permitido entre os dois morfemas (p. 265).

7. (a) *na kawə dʒt*
 RLS cõfo full
 ‘the basket is full’ (Oliveira, 2005: 265)
- (b) *na ka kawə ɔ=dʒt*
 RLS 2 cõfo CAUS=full
 ‘You filled the basket’ (Oliveira, 2005: 265)
- (c) *na pa ra i-j-apeč*
 RLS 1 ASP 1-RP-end
 ‘I’m fading, perishing (e.g. due to malnutrition)’ (Oliveira, 2005: 265)
- (d) *kot kaj ic-t-ɔ=apeč*
 IRLS 2 1-RP-CAUS-end
 ‘You will destroy/finish with me’ (Oliveira, 2005: 265)

Semelhante ao que ocorre em Krahô com as construções causativas em contextos de subordinação, em Apinajé, nas construções causativas perifrásticas, segundo Oliveira (2005), “as duas oração estão ligadas pelo fato que elas compartilham um argumento: o objeto *ɔ anẽ* ‘fazer assim’ é coreferencial com o causado, o qual é expresso por um pronome independente colocado no início da oração resultado.”³ (p. 262).

¹ [...] in this context the construction *Oanẽ* expresses the cause, and a subsequent clause encodes the result [...] (p. 261).

² The morphological causative is expressed by the word proclitic *O*, which attaches directly to the descriptive or intransitive verb stem. This clitic does not carry stress; it submits to the overall word stress (Oliveira, 2005: 177)

³ “the two clauses are linked by the fact that they share an argument: the object of *O anẽ* ‘do thus is coreferential with the causee, which is expressed by the independent pronoun placed at the beginning of the result clause”.

- (e) *tɿ dO me Kučwar mǝ ic-t-ɔ anẽ pa ic-krɔr bεč=re*
 EXCL but PL on.behalf DAT 1-RP-do thus 1 1-dotted pretty
 ‘Why, then make me dotted just like her!’ (Lit.: “Do me thus as the others, I will get nicely dotted.”) [i.e. burn me with hot stones] (Oliveira, 2005: 262)

7. Causativização em Bóroro

Crowell (1977, p. 45) diferencia duas classes de verbos transitivos em Boróro (fam. Bóroro): a lexical e a causativa. O causativo é realizado pelo morfema *-dǝ*, quando somente este é selecionado, e por *-gǝ*, quando o inceptivo também é selecionado. Segundo o autor:

“Os verbos causativos diferem de verbos lexicais transitivos em que o objeto de verbos causativos podem ser somente uma oração nominal (finita ou não-finita) ou (usualmente) um nome com modificações opcionais. A oração nominal objeto de um verbo causativo também pode não ter nem *-di* ‘nominal’ nem *-wo* ‘adverbial’. Na terminologia de traços, isto significa que o NP objeto de uma oração causativa seleciona o traço Dependente, e somente este, a partir de uma rede de modo Dependente.” (CROWELL, 1978, p. 75).

Ainda de acordo com o Crowell, (i) os verbos causativos são sempre enclíticos e nunca formas livres, (ii) os verbos causativos não ocorrem seguindo a oração objeto inteira, como os verbos lexicais fazem quando eles têm um sintagma nominal objeto. Crowell (1978) ressalta que os verbos causativos ocorrem nas orações encaixadas, em posição normalmente ocupada por uma marca de aspecto.

8. (a) *i- re a- dǝ bola barigu imedi ae*
 1sg neutral 2sg causative ball throw man to
 ‘I caused you to throw the ball to the man’ (Crowell, 1973:47)

- (b) *i- re a- tu- dǝ imedi ae*
 1sg neutral 2sg go causative man to
 ‘I caused you to go to the man’ (ibidem)

Camargos e Rodrigues (em preparação) observam que, além dos verbos causativos, a língua Boróro apresenta também um sufixo causativo *-to* (variando com *-do* e *-du*), o qual ocorre tanto com verbos (9a-b) quanto com nomes descritivos (9c-d):

9. (a) *imedu u- re tudu- re boe butu -do*
 homem ele asp fruta asp gente cair CAUS
 ‘o homem derrubou a fruta’ (fez a fruta cair) (Camargos e Rodrigues, notas de campo, 2009)

- (b) *ciwi u- re apodo bi -to*
 gato ele asp tucano morrer CAUS
 ‘o gato matou o tucano’ (Camargos e Rodrigues, notas de campo, 2009)

- (c) *imedu u- re pobo u ru -do*
 homem 3sg asp. água 3 quente CAUS
 ‘o homem esquentou a água’ (Camargos e Rodrigues, notas de campo, 2009)

- (d) *bubutu u- re biaku -do i.i*
 chuva 3sg asp frio CAUS 1sg.ref
 ‘a chuva me deixou com frio’ (Camargos e Rodrigues, notas de campo, 2009)

8. Causativização em Rikbáktsa

Segundo Boswood (1974), em Rikbáktsa os verbos de estado, processo e ação podem ser causativizados com o acréscimo dos prefixos *ty-* e *tyzi-*. Para a autora, “o substantivo instigador ou causador do verbo é denominado a ‘razão’”. O prefixo *tyzy-* é usado quando “tanto a razão como o paciente sofrem o estado ou processo, ou quando a razão tanto quanto o agente executam a ação.” (p. 12).

10. (a) *a- suk ty- bibi- tybi- ty*
2 sg- vestido CAUS molhar- neg- imp
‘Não molhe o seu vestido’ (Boswood, p. 12)

(b) *a- pyry- suk ik- ty- zo*
2 sg- pé- banha 1 sg- CAUS subir
‘eu tirei o seu sapato fora (d’água)’ (Boswood, p.13) n

Com respeito ao prefixo causativo *tyzy-*, este apresenta algumas especificidades que o distingue do prefixo *ty-*, dada sua natureza semântica. Boswood (1974) ressalta que o participante tem uma dupla função, pois ao mesmo tempo em que o causador executa a ação, pressupõe-se que o mesmo seja participante da ação descrita.

11. (a) *wywyk tyzy- zo- kta*
machado CAUS subir- hort
‘traga um machado para cima!’ (Boswood, p. 13)

(b) *tyzy-hirinamyiri-kỹ*
CAUS-sabendo-des
‘querer fazer alguém aprender consigo’ (ibidem)

Embora ainda com dados limitados do Rikbáktsa, podemos levantar a hipótese de que o morfema causativo *tyzy-* tenha um valor causativo-comitativo, isto é, que significa “fazer em companhia do sujeito”, cuja forma deve ser o prefixo causativo *ty-* mais o morfema comitativo *-zy-*. Adotando esta análise, ao contrário de dois morfemas causativos descritos por Boswood (1974) teríamos apenas um, porém com um sentido mais restrito, embora esta análise precise ser fundamentada com mais dados.

9. Análise comparativa das construções causativas em línguas do tronco Macro-Jê

Os dados das línguas focalizadas neste estudo mostram que todas essas línguas têm um verbo ‘fazer’ usado em construções causativas, mas apenas para parte delas foram descritos morfemas causativos – Rikbáktsa e Xikrin. No caso do Apinajé, vale ressaltar que Oliveira (2005) descreve um causativo “morfológico” (ênfase nossa), considerando-o um clítico que se prende, em termos prosódicos, a temas verbais e nominais. A língua Krahô, de acordo com os dados disponíveis, apresenta apenas o causativo sintático, que além de causativizar temas verbais transitivos e intransitivos, causativiza nomes descritivos, conforme Miranda (em preparação⁴).

A língua Bóroro, por sua vez, apresenta ambas as estratégias de causativização, tanto morfológica quanto analítica. Segundo a análise de Crowell (1974) para a língua Bóroro, o verbo causativo ocorre sempre enclítico e nunca como forma livre. Camargos e Rorigues (em preparação) identificaram que a língua Boróro apresenta também um sufixo causativo *-to* (variando com *-do* e *-du*), o qual ocorre tanto com verbos quanto com nomes descritivos.

Em Rikbáktsa, diferentemente das outras línguas analisadas, há apenas a ocorrência de causativo morfológico, que seria expresso, conforme análise de Boswood (1974), pelos prefixos *ty-* e *tyzy-*. Contudo, considerando a especificidade semântica do prefixo *tyzy-*, o qual, segundo a autora, pressupõe que o causador da ação seja também participante do evento descrito pelo verbo, e considerando ainda o fato de que um prefixo *ty-* também se combina com certos verbos em Rikbaktsa para formar diretivas (Tymuru! Tome banho! Tynamuruzo! Vai tomar banho de novo! (Boswood 2007:49)), optamos pela análise que identifica um

⁴ Causativização em Krahô.

morfema causativo *ty-*, o qual pode se combinar com o morfema *-zy* ‘comitativo’, para expressar a ideia de causativo comitativo. Assim, em contraste à análise de Boswood (1984), em Rikbáktsa teria apenas um morfema causativo {*ty-*}, enquanto o morfema causativo expressando companhia resultaria da combinação {*ty-zy-*}.

Apresentamos em seguida um quadro com os dois tipos de morfemas que servem à causativização nas línguas analisadas.

Quadro das construções causativas em algumas línguas Macro-Jê		
	Causativo morfológico	Causativo sintático
Apinajé	ɔ-	(t-)ɔ
Xíkrin	ɔ-	
Bóroro	-to ~ -do ~ -du	do (dë)
Krahô		tɔ/ton
Rikbáktsa	ty- / ty-zy	

O quadro seguinte põe em evidência as similaridades fonológicas e funcionais entre os morfemas que expressam causativização nas línguas estudadas, sugerindo que todos têm uma mesma origem:

	*tɔ	
Apinajé	(t-)ɔ	‘causativo sintático’
Xíkrin	ɔ-	‘causativo morfológico’
Bóroro	-tɔ ~ -dɔ ~ -dy/ dɔ (dy)	‘causativo morfológico/causativo sintático’
Krahô	tɔ/ton	‘causativo sintático’
Rikbáktsa	ty- / ty-zy	‘causativo morfológico’

Considerações finais

Neste estudo procuramos identificar e comparar as expressões de causativização algumas línguas de três famílias linguísticas do Tronco Macro-Jê, Boróro, Jê e Rikbaktsá. Os resultados da análise mostraram que as línguas comparadas possuem formas cognatas de um mesmo morfema causativo de possível origem verbal. Em algumas línguas co-existem os dois reflexos, o morfológico e o lexical, já em outras apenas o morfológico e, ainda, em outras, apenas o lexical. O estudo mostrou também que as similaridades compartilhadas por línguas de famílias bastante diferenciadas, como a Rikbáktsa e a Jê, reforçam a hipótese de parentesco genético entre elas (BOSWOOD 1973, RODRIGUES 1986, 1999).

Referências bibliográficas

ALBISETTI, César & VENTURELLI, Angelo J. Enciclopédia Bororo. Campo Grande, Faculdade Dom Aquino de Filosofia, Ciências e Letras/Instituto de Pesquisas Etnográficas, vol 2. 1969.

BOSWOOD, Joan. Evidências para a inclusão do Aripaktsa no filo Macro-Jê. *Série Lingüística* Nº 1: 67-78 pp., 1973.

_____. Algumas funções de participante nas orações Rikbaktsa. *Série Lingüística* Nº 3. 7-34 pp., 1974.

COMRIE, Bernard. *Language Universals and Linguistic Typology*. 2.ed. The University of Chicago Press: Oxford, 1989.

CROWELL, Thomas H. *A grammar of Bororo*. Ph.D. Thesis. Cornell University, 1979.

KOOPMAN, Linda. Cláusulas Semânticas na Língua Apinajé. *Série Lingüística* Nº 5, 301-330 pp., 1976.

- OLIVEIRA, Christiane Cunha de. *The language of the Apinajé people of Central Brazil*. PhD, University of Oregon, 2005.
- POPJES, Jack & POPJES, Josephine. Canela-Krahô. In: Desmond C. Derbyshire and Geoffrey K. Pullum (eds.), *Handbook of Amazonian languages*, vol. 1. Berlin: Mouton de Gruyter, 128-99 pp., 1986.
- RODRIGUES, Aryon Dall'Igna. *Línguas brasileiras: para o conhecimento das línguas indígenas*. São Paulo: Edições Loyola, 1986.
- _____. Macro-Jê. In: R.M.W. Dixon & A. Y. Aikhenvald (orgs.), **The Amazonian Languages**, Cambridge: Cambridge University Press, 1999 pp. 164-206.